

QUANDO DARWIN ENCONTRA FREIRE

Na mesma semana em que a Prefeitura do Rio obrigou o retorno das aulas presenciais do ensino básico sem imunizar os trabalhadores da Educação, pesquisadores da UFRJ realizaram o *Darwin Day*. O evento celebrou os 189 anos da visita de Charles Darwin ao Brasil. Nos quatro meses de sua passagem pelo país, o cientista britânico ficou deslumbrado com a natureza local, mas também se horrorizou com a crueldade da elite escravagista.

Passados quase dois séculos da viagem de Darwin, as cenas de desigualdades seguem moldando o Brasil. Na Educação, as distâncias sociais se agravaram com a covid-19 e podem aumentar nas próximas semanas. Quando as autoridades determinam a abertura dos colégios, no pior momento da pandemia, sem vacinar quem trabalha nas escolas, fazem lembrar um paradoxo apontado pelo mestre Paulo Freire: “Ninguém nega o valor da Educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados”.

PS: Até o fechamento desta edição, o **Jornal da AdUFRJ** tinha a informação – obtida com exclusividade na noite de quinta-feira, 8 – de que os profissionais de Educação, incluindo os do ensino superior, com idade entre 45 e 59 anos, seriam vacinados a partir de 26 de abril, portanto quase um mês após o começo das aulas na pior fase da pandemia.

Páginas 4 e 8

EDITORIAL

OS REIS DO CAMAROTE

DIRETORIA

Não bastasse estarmos batendo recordes sucessivos de óbitos nesses últimos dias, a Câmara dos Deputados chancelou nesta semana um projeto de lei digno dos nossos piores estereótipos. Se aprovado no Senado, o PL 948 permitirá oficialmente a compra de vacinas por agentes particulares, no melhor estilo “farinha pouca, meu pirão primeiro”. Para adicionar insulto à injúria, tais agentes não precisam seguir o Plano Nacional de Imunizações (PNI) nem passar pelo crivo da Anvisa, “privilégio” que nem estados e municípios possuem. E o mais triste de tudo isso é que tal descabro está acontecendo justamente no Brasil, que já foi vitrine e exemplo de vacinação para o mundo. Hoje estamos rumando para um desavergonhado feudalismo de ampolas, e salve-se quem puder.

É claro que tal ação não acontece no vácuo: a campanha de vacinação, se já ultrapassou o passo de cágado, ainda está longe do voo de cruzeiro. Somos o 5º país no ranking mundial de distribuição de vacinas, em números absolutos, com aproximadamente 20 milhões de doses administradas. Mas, a uma média de 500 mil doses por dia, vai levar mais de um ano para chegarmos à imunidade de rebanho. Somem-se a isso os prognósticos catastróficos de centenas de milhares de mortes nos próximos meses, e temos um caldo para que os piores instintos se manifestem.

Nós já vimos o que acontece quando tais instintos engolfam a sociedade e ditam a política, basta nos lembrarmos dos exemplos recentes dos Bálcãs ou de Ruanda. Numa sociedade saudável há freios e contrapesos que enterram esses ímpetos egoístas. Mas, infelizmente, o que estamos vendo no Brasil é uma degradação de qualquer noção de comunidade. O governo Bolsonaro está sendo desgraçadamente eficiente em uma das tarefas que se impôs, que é a de desacreditar totalmente o Estado e as soluções coletivas. Você quer educar seus filhos? Faça-o em casa (afinal, nas escolas e universidades só tem balbúrdia). Você quer segurança? Compre uma arma (aliás, compre seis logo de uma vez). E agora você quer vacina? Peça ao seu empregador um lugar em seu “camarote”. E se não tiver mais lugar... bom, “todo mundo vai morrer um dia”, não é mesmo?

E assim vamos, na contramão de todo o planeta. Se no mundo inteiro os países concentraram esforços em seus aparatos estatais, nós estamos pulverizando a demanda por uma commodity que já é rara. Como as nações fabricantes de vacinas ou de IFAs não são instituições

E agora você quer vacina?

Peça ao seu empregador um lugar em seu “camarote”. E se não tiver mais lugar... bom, “todo mundo vai morrer um dia”, não é mesmo?



de caridade, não é necessário ser um gênio para concluir que qualquer ampola na mão de algum banqueiro é uma dose a menos no SUS. Alguém poderia observar, nesse momento, que tudo isso talvez seja evitado pois as grandes empresas farmacêuticas poderiam se recusar a vender para particulares, por questões logísticas e éticas. De fato, há opiniões nesse sentido. De toda forma, passaríamos pela humilhação suprema de estar do lado errado numa negociação com ninguém menos que Big Pharma. Simplesmente desolador.

ADENDO: Tivemos, nesta semana, uma reunião do Conselho do Ensino de Graduação (CEG) para discutir o calendário deste e do próximo ano letivo. Conforme salientado pela AdUFRJ em diversas ocasiões, nosso calendário estava excessivamente corrido, com períodos e recessos demasiadamente curtos, inviabilizando uma transição suave entre semestres e causando grave estafa entre os docentes. Felizmente, os conselheiros e conselheiras do CEG, numa reunião profícua, reajustaram o calendário de modo a termos períodos letivos e recessos mais adequados, sem perder de vista o nosso compromisso com os calouros de 2021. Nós saudamos o CEG por promover esse reencontro da universidade.

INSALUBRIDADE É TEMA CENTRAL DO CONSELHO DE REPRESENTANTES

O Conselho de Representantes se reuniu neste dia 9 para atualizar as ações sobre os adicionais ocupacionais. Cerca de 20% dos docentes com direito à insalubridade em toda a universidade não recebem os adicionais que lhes são devidos. O problema é crônico, se arrasta por anos e se concentra na Coordenação de Políticas de Saúde do Trabalhador (CPST), que alega falta de pessoal e de equipamentos para medir o grau de insalubridade, periculosidade e radiação a que muitos professores estão submetidos.

No próximo dia 19, os setores jurídicos da AdUFRJ e do Sintufjr vão se reunir com a reitoria da UFRJ para discutir alternativas

que possibilitem uma resolução administrativa da questão. “Embora seja uma reunião técnica, tem um aspecto político fundamental”, destacou a presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller. Caso não haja avanço, a diretoria convocará uma assembleia geral, para a semana de 26 a 30 de abril, com o objetivo de aprovar os próximos passos e garantir os direitos dos docentes em ação coletiva.

Em dezembro, a AdUFRJ enviou ofício à pró-reitoria de Pessoal (PR-4) pedindo esclarecimentos sobre o tema e solicitando que a universidade acatasse encaminhamentos para não prejudicar os docentes. O ofício só foi respondido há três semanas. “Eles entenderam que as avaliações precisam ser pre-

senciais, até mesmo em ambientes em que os professores estão atuando com pesquisas sobre a covid-19”, contou o professor Pedro Lagerblad, diretor do sindicato. Os técnicos da CPST estão em trabalho remoto. “Diante deste quadro, vamos judicializar a questão. Não dá para empurrar o problema para o pós-pandemia”, disse Pedro. A advogada Ana Luísa Palmisciano acrescentou que nenhuma das solicitações foi respondida. “Temos elementos que nos permitem ajuizamento de ação coletiva”, informou a advogada.

“Certamente, uma reunião ampliada sobre o tema, com todos os professores, ajudará a pressionar politicamente”, sugeriu o professor Rodrigo Almeida, do Instituto de

Química. Em sua unidade, 22% dos professores têm problemas com seus adicionais. “Fora os novos docentes, que nunca receberam”, destacou. Além de toda a morosidade nos processos, professores e técnicos que atuam em trabalho remoto enfrentam os cortes de seus adicionais. A AdUFRJ e o Sintufjr movem ação conjunta para garantir o retorno do auxílio-transporte e dos adicionais ocupacionais.

CALENDÁRIO

O calendário acadêmico da UFRJ também foi tema de debate. “Estou enfrentando sérios problemas em relação à conclusão de prática de estágio dos meus estudantes, por conta da discrepância entre o calendário da UFRJ e o da educação básica”, reclamou a professora Cláudia Piccinini, da Faculdade de Educação. A professora Luciana Boiteux, do Direito, criticou o descompasso entre os calendários da

graduação e da pós. Eleonora sugeriu uma nota conjunta da diretoria e Conselho de Representantes que exponha o problema para a universidade, propondo ao CEG e ao CEPG a formação de uma comissão para avaliar e compatibilizar os calendários.

CAp PRESSIONADO

Flávia Gomes, professora do Colégio de Aplicação, pediu ajuda para o CAp. A direção do colégio foi convocada para audiência no Ministério Público para esclarecer as razões de não responderem a um ofício que solicitava o retorno das aulas presenciais. “O CAp nunca recebeu este ofício. Também questionaram o motivo de a escola não estar se organizando para este retorno”. Eleonora colocou à disposição toda a estrutura do sindicato para apoiar o colégio política e juridicamente. (Silvana Sá)



OBITUÁRIO JULIANA CRUZ LOPES

■ A AdUFRJ expressa seu profundo pesar por mais uma triste morte provocada pela covid-19. A servidora Juliana Cruz Lopes não resistiu à doença. Ela atuava no gabinete da reitoria. A notícia foi divulgada durante sessão virtual do Conselho Universitário na quinta-feira (8). “Estamos extremamente consternados com a morte da nossa querida Juliana, da Corin (Coordenação de Relações Institucionais e Articulações com a Sociedade). Não há nenhuma condição de a gente permanecer na discussão depois de ter perdido nossa querida Juliana, com 41 anos, para a covid-19”, disse a reitora Denise Pires de Carvalho, muito emocionada, assim que soube do ocorrido. “Desculpem, se cuidem”. A reunião foi cancelada.

Vitória do bom senso: recesso de junho terá quatro semanas

> CEG recuou e ampliou período de pausa de 14 para 29 dias. Calendário aprovado em 2020 deixou a comunidade acadêmica exausta. AdUFRJ critica curto recesso há mais de seis meses

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

A comunidade acadêmica está exaurida. Após dois semestres de aulas remotas em meio à mais grave crise sanitária da história brasileira, professores, alunos e técnicos se desdobram para cumprir suas tarefas. A rotina imposta pelo acelerado calendário aprovado ano passado pelo Conselho de Ensino de Graduação mostrou a necessidade de mudar a programação. Após intensa mobilização da AdUFRJ, o CEG discutiu e, na última quarta-feira, 7, aprovou mudanças no calendário.

O recesso entre 2020 e 2021 passou para quatro semanas: começará em 13 de junho e vai até 11 de julho. A revisão do recesso vem sendo defendida pela AdUFRJ desde a aprovação do calendário original, em outubro.

Nas últimas semanas, os docentes intensificaram as solicitações e as análises de que um intervalo maior entre os semestres seria fundamental para organizar todos os atropelos que os três períodos consecutivos geraram, além de amenizar o desgaste físico e mental do corpo social da universidade. As discussões basearam uma nota publicada pela diretoria do sindicato na semana passada. Outra decisão tomada pelo CEG no dia 7 foi a definição do calendário de 2021. O colegiado aprovou por ampla maioria que os semestres terão duração de 15 semanas. Mas foi apertada a escolha pelo período de recesso. Por dez votos a favor, nove contra e três abstenções foi aprovado o recesso de 21 dias. O calen-

NOVO CALENDÁRIO

NOVO CALENDÁRIO GERAL DA GRADUAÇÃO

PERÍODO	DATA	DURAÇÃO
2020.2	22/03 a 12/06/2021	12 semanas
Recesso	13/06 a 11/07/2021	4 semanas
2021.1	12/07 a 23/10/2021	15 semanas
Recesso	24/10 a 15/11/2021	3 semanas
2021.2	16/11/2021 a 12/03/2022	15 semanas
Recesso de final de ano	24/12/2021 a 02/01/2022	10 dias

CALENDÁRIO DAS MEDICINAS RIO E MACAÉ

PERÍODO	DATA	DURAÇÃO
2021.1	21/06 a 16/10/2021	17 semanas
Recesso	18 a 30/10/2021	2 semanas
2021.2	01/11/2021 a 26/03/2022	17 semanas
Recesso de final de ano	20/12/2021 a 08/01/2022	20 dias



dário conjunto da Faculdade de Medicina do Rio e do curso de Medicina de Macaé também foi aprovado, com outras datas (veja no quadro acima), defendeu. “Mas aquele momento passou. Na prática, os períodos e recessos muito curtos fizeram com que a própria burocracia eletrônica da UFRJ não conseguisse acompanhar [as demandas], fazendo com que semestres se sobrepusessem, o que causou muito desgaste”, avaliou.

Felipe Rosa lembrou o contexto em que o as datas foram

aprovadas. “A gente estava deixando de cumprir nossa função com a sociedade. Aprovar este calendário foi uma vitória para nossa universidade”, defendeu. “Mas aquele momento passou. Na prática, os períodos e recessos muito curtos fizeram com que a própria burocracia eletrônica da UFRJ não conseguisse acompanhar [as demandas], fazendo com que semestres se sobrepusessem, o que causou muito desgaste”, avaliou. A conselheira Damires França, representante dos técnicos-administrativos, falou em

nome dos profissionais que atuam em coordenações e secretarias acadêmicas. Para ela, os trabalhadores desses setores estão “em estafa física e mental”. “Estamos muito cansados, não só com os trabalhos que surgem das demandas de final de semestre e de início de semestre, mas também porque estamos acumulando funções de muitos servidores que não têm condições técnicas de trabalho”, relatou.

Representando a comissão organizadora de um abaixo-assinado, o professor Cláudio Ribeiro, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, informou que o documento — que ainda não foi entregue ao CEG — contava com 600 assinaturas e reivindicava 30 dias de férias ao final de 2020.2. “Quando as aulas presenciais estavam suspensas, nós estávamos em processo de adaptação às aulas remotas, realizando atividades burocráticas, experimentando ferramentas e tentando entender e combater a pandemia. Iniciamos o ensino remoto da graduação num cenário de extremo cansaço”, afirmou.

Antônia Velloso, representante estudantil, explicou que o corpo discente era a favor da proposta apresentada pela administração central (períodos de 15 semanas com férias de 30 dias para o ano de 2021). Mas alertou que o calendário da reitoria tornava a transição entre 2020 e 2021 inviável. “Vemos como um problema o recesso entre 2020.2 e 2021.1 permanecer com duas semanas. Gostaria de frisar a importância de um período de descanso e também de organização do trabalho dos professores e dos técnicos-administrativos”.

A pró-reitora de Graduação, professora Gisele Pires, chegou a sugerir que o recesso de junho deste ano fosse assunto para a próxima sessão do colegiado, mas os conselheiros acabaram aprovando a extensão do intervalo.



Nossos prazos estão muito apertados, notas estão atrasando e isso nos prejudica também. Além de todo mundo estar exausto, o trabalho de orientação acadêmica fica muito prejudicado

DANIEL DE AUGUSTINIS

Professor representante de Macaé no CEG

O professor Daniel de Augustinis, representante de Macaé, também se posicionou contra a manutenção do recesso de apenas duas semanas em junho. “Nossos prazos estão muito apertados, notas estão atrasando e isso nos prejudica também, porque a gente fala que o aluno não tem aquele pré-requisito, o aluno diz que fez a matéria, mas o professor não lançou a nota. Isso vai parar na Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico, é preciso buscar o contato, pedir para lançar a nota, mandamos e-mail...”, relatou. “Além de todo mundo estar exausto, o trabalho de orientação acadêmica fica muito prejudicado”.

A pró-reitora de Graduação, professora Gisele Pires, chegou a sugerir que o recesso de junho deste ano fosse assunto para a próxima sessão do colegiado, mas os conselheiros acabaram aprovando a extensão do intervalo.

O CALENDÁRIO NAS OUTRAS UNIVERSIDADES

Dados do Ministério da Educação indicam que 63 das 69 instituições federais de ensino superior aprovaram aulas totalmente remotas para a graduação.

O levantamento foi realizado por Victor Trindade, conselheiro discente que apresentou o estudo na última reunião do CEG. Victor pesquisou a reorganização do calendário acadêmico em 30 delas e descobriu que os períodos variaram, maioritariamente, entre 14 e 16 semanas letivas. O levantamento demonstrou que a UFRJ não

está atrasada, comparada às outras federais pesquisadas. A maioria das universidades iniciou os períodos remotos entre agosto e outubro do ano passado. Apenas três universidades (UFRJ, UFF e UFPE) optaram por realizar um período letivo excepcional somado aos períodos regulares. Das 30 instituições analisadas, 14 começaram 2020.2 antes da UFRJ, mas só as federais de Minas Gerais, Santa Maria e Mato Grosso do Sul conseguiram iniciar 2020.2 ainda no ano passado. UFMS e UFSM são as

únicas que já iniciaram o ano letivo de 2021. Enquanto isso, 11 instituições iniciaram 2020.1 neste ano.

Os estudantes também apresentaram ao CEG levantamento realizado desde o dia 26 de março pelo DCE sobre a avaliação do ensino remoto na UFRJ — 400 alunos responderam o questionário até o momento e o formulário ainda está aberto ao preenchimento. Os dados são significativos — 69,9% observaram um aumento relevante da quantidade de avaliações aplicadas pelos professores duran-

te o ensino remoto. O excesso de conteúdo foi apontado por 74,2% dos alunos como motivo do trancamento de disciplinas.

“A gente vê que muitos professores não repensaram seus conteúdos para adequar ao período remoto, mas continuaram com seus conteúdos programáticos dentro de um período mais curto, o que gerou sobrecarga”, avaliou a estudante Antônia Velloso, do DCE e representante estudantil no CEG.

Outros retornos também acenderam o alerta sobre a duração dos períodos remotos.

Professores precisaram marcar atividades fora do período acadêmico para 41,6% dos estudantes. Além disso, 37,9% dos alunos confirmaram que alguns de seus professores realizaram aulas síncronas fora dos horários estabelecidos para a disciplina. “Por ter um calendário pequeno, os professores optaram por passar provas durante as férias. Eu sei que boa parte fez isso em acordo com as turmas, mas se eles precisaram fazer isso, é porque o calendário não é suficiente”, afirmou Antônia. (Silvana Sá)

Prefeitura mantém calendário de vacinação dos professores

> Profissionais de Educação, inclusive os do ensino superior, com idades entre 45 e 59 anos, começam a se vacinar a partir de 26 de abril. Fiocruz e sindicatos criticam reabertura das escolas

KELVIN MELO
kelvini@adufrrj.org.br

Uma notícia importante para professores, técnicos e terceirizados da UFRJ. A Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro confirmou ao Jornal da AdUFRJ que está mantido o calendário de vacinação dos trabalhadores da Educação a partir do dia 26 de abril. Será atendido o público na faixa entre 59 e 45 anos, regressivamente, até 29 de maio. Somente na maior federal do país, serão beneficiados 1.742 docentes no magistério superior, 33 no Colégio de Aplicação e um titular livre.

A confirmação da secretaria devolveu a esperança aos profissionais de Educação, que acreditavam ter perdido a prioridade após a decisão do juiz Wladimir Hungria, da 5ª Vara de Fazenda Pública. No dia 6, Hungria suspendeu um trecho do decreto do governador que estabelecia o Calendário Único de Vacinação do estado. A medida ganhou ampla repercussão por ter retirado a Educação dos grupos prioritários para a imunização.

Só que não. A assessoria da Secretaria Municipal de Saúde explicou que a decisão do juiz não altera o calendário — unificado com Niterói, Maricá e Itaguaí — anunciado pela prefeitura cinco dias antes, pois estabelece limitação de idade. O decreto estadual não fazia esta distinção, dentro dos grupos prioritários.

O calendário do Município do Rio, que segue os grupos prioritários definidos pelo Programa Nacional de Imunizações, visando primeiro a idade e depois os grupos mais vulneráveis e expostos ao vírus, não é afetado. A vacinação seguirá como prevista, condicionada à chegada das remessas de vacina previstas no cronograma informado pelo Ministério da Saúde, informou a assessoria do órgão.

Na sexta, 9, mais uma garantia: o presidente do Tribunal de Justiça do Rio, Henrique Figueira, restabeleceu a validade do decreto estadual que incluiu os professores entre os integrantes de grupos prioritários para a vacinação contra a covid-19.

NA REDE BÁSICA, RETORNO PRESENCIAL

Mas nem tudo correu bem no Judiciário fluminense para os educadores. No dia 6, o presidente do Tribunal de Justiça derrubou a liminar que impedia



LIGIA BAHIA

Este momento era para ficar todo mundo em casa. Por, pelo menos, mais duas semanas. E depois, sim, abria as escolas"



ELEONORA ZILLER

O problema é a circulação das pessoas na cidade; é o encontro dessas crianças que não estão vacinadas na escola e a possibilidade de se tornarem vetores da doença"

o retorno dos profissionais às unidades, públicas e privadas, da rede básica.

Os encontros e desencontros da política sanitária no Rio acenderam o debate sobre os grupos prioritários e o retorno presencial nas escolas. "Este momento era para ficar todo mundo em casa. Por, pelo menos, mais duas semanas. E depois, sim, abria as escolas", resumiu a professora Ligia Bahia, acompanhando a nota divulgada no dia 5 pelo Grupo de Trabalho Multidisciplinar para Enfrentamento à Pandemia de Covid-19 na UFRJ. O GT mostrou especial preocupação com o aumento do número de pessoas na espera por um leito de centro de terapia intensiva (CTI) no estado, em apenas um mês: de 64 pessoas, em 1º de março, para 701 em 31 de março. A docente também entende que as pessoas com comorbidades têm prioridade sobre qualquer categoria profissional. E, antes dos professores, Ligia apontou outros grupos mais expostos ao vírus. "Várias pessoas da área de lim-

peza do sistema de saúde ainda não foram vacinadas". "É preciso que o processo de vacinação seja bastante racional", resume a professora. "São duas lógicas legítimas: a epidemiológica e a da pressão social. A epidemiológica deveria prevalecer, pois o Brasil é um país com muita escassez de vacina e altas taxas de mortalidade".

Documento divulgado na quarta-feira, 7, pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, da Fiocruz, também considera inapropriada, neste momento, a reabertura das escolas no município do Rio de Janeiro. Os pesquisadores recomendam a volta das aulas presenciais somente após a melhora nos indicadores relacionados à pandemia.

INDIGNAÇÃO ENTRE SINDICATOS

"Neste momento, o Rio é um dos estados com índices mais altos de contaminação, sem leitos de UTI e a gente sabe que a nossa mobilidade urbana não permite uma segurança para as famílias levarem suas crianças para as escolas", criticou Duda Quiroga, dirigente do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe-RJ). "Tampouco para os profissionais irem trabalhar. Fora a questão da falta de estrutura das unidades escolares", completou.

O Sepe defende vacina para todos e já. Mas, neste momento, reivindica que todos os profissionais convocados pelo estado e pelos municípios deveriam receber as duas doses da vacinação antes do retorno ao trabalho presencial. O sindicato tem registrado várias mortes por covid entre os filiados que voltaram às escolas. "A maioria de óbitos é de gestores e secretários escolares que estão atuando nas unidades", informa Fernanda Raquel, também dirigente do Sepe. Na rede particular de ensino, a indignação se repete.

"O Sinpro-Rio lamenta que, mais uma vez, a preservação da vida tenha ficado em segundo plano em detrimento do lucro, manifestada na decisão do presidente do Tribunal de Justiça", afirmou o diretor jurídico do sindicato, Elson Paiva. "Toda semana, há casos de professores, alunos e funcionários contaminados nas escolas. Todo dia, recebemos informações. Não tenho nem como dizer a quantidade", afirmou Elson. "O professor pode ter sido infectado no transporte público, no supermercado, na esquina? Pode. Mas uma coisa é certa: abrir a



VACINAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Antes do calendário voltado para os trabalhadores da educação, já está em andamento a imunização dos profissionais de saúde. Confira a situação nas três cidades onde a UFRJ possui campi:

• RIO DE JANEIRO

Desde o dia 5, está sendo vacinado quem tem entre 59 e 50 anos (uma idade por dia, regressivamente), com a "reescagem" aos sábados. Os que atuam em hospitais de urgência e emergência poderão receber a vacina ao longo do mês nos locais de trabalho. Os demais devem se dirigir aos postos de vacinação, de 13h às 17h. Menos nos drive-thru, que são exclusivos para a vacinação de idosos.

QUAIS CATEGORIAS: O grupo inclui médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, biólogos, biomédicos, farmacêuticos, odontólogos, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, profissionais de educação física, médicos veterinários e os técnicos e auxiliares destas profissões.

DOCUMENTAÇÃO: Os profissionais de saúde devem apresentar no momento da vacinação a carteira do seu conselho de classe, comprovando que seu registro na profissão está ativo.

OBSERVAÇÃO: a reitoria solicita, a quem puder, que se vacine fora da universidade para sobrar mais doses para outros profissionais que também atuam nos hospitais, como os terceirizados.

• MACAÉ

Nesta quinta e sexta (8 e 9), receberam a vacina os profissionais de saúde com idade igual ou superior a 40 anos, na Cidade Universitária. No dia 8, foi a vez dos: fonoaudiólogos; nutricionistas; enfermeiros; técnicos de radiologia; professores de Educação Física; fisioterapeutas; biomédicos e condutores de ambulância (rede privada). No dia 9, a vacinação foi destinada aos: médicos farmacêuticos; terapeutas ocupacionais; veterinários; serviço social; biólogos, doulas, cuidadores de idosos, técnicos laboratoristas e psicólogos.

• DUQUE DE CAXIAS

Não há calendário específico para a área de saúde. Prefeitura informa que todos os que trabalham na linha de frente da pandemia nas unidades de saúde da rede pública e privada já foram imunizados com as duas doses da vacina..

escola é aumentar a exposição de pessoas, não só dos professores, à contaminação", destacou. Presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller também considera absurda a imposição do retorno às aulas nesse momento. "Na situação que estamos hoje, é um absurdo colocar crianças em salas de aula. Como é absurdo abrir shoppings, academias", observou.

A questão da abertura das escolas, para Eleonora, não se limita à vacinação dos profissionais. "O problema é a circulação das pessoas na cidade; é o encontro dessas crianças que não estão vacinadas na escola e a possibilidade de se tornarem vetores da doença", destacou. Precisamos de um impacto restritivo imediato. O momento não é de normalidade".

Pesquisa avalia transmissão de variantes do coronavírus

> Secretarias de Saúde do estado e do município do Rio se unem a especialistas da UFRJ, Fiocruz, LNCC e Lacen, com apoio da Faperj, para estudar novas cepas que infectam população fluminense

KIM QUEIROZ
comunica@adufrrj.org.br

A variabilidade genética do coronavírus é hoje um dos pontos centrais nos estudos sobre a pandemia da covid-19. Um dos fatores que mais preocupa médicos e pesquisadores é o aumento na taxa de transmissão em algumas dessas variantes. Em razão disso, as secretarias de Saúde do município e do estado do Rio de Janeiro estão desenvolvendo uma pesquisa de monitoramento genômico epidemiológico, para identificar a incidência de novas cepas do vírus na população fluminense. "Com esse projeto, a gente quer saber não só a circulação dessas variantes, mas também se as pessoas vacinadas podem ser infectadas ao entrar em contato com essas mutações do vírus", explica o professor Amílcar Tanuri, chefe do Laboratório de Virologia Molecular da UFRJ, que integra o projeto.

Amílcar conta que as primeiras amostras já foram colhidas, e agora estão na fase de validação, devido ao uso de um novo kit de sequenciamento. "A gente está fazendo uma pesquisa a nível estadual e municipal para ter amostras de 15 em 15 dias da distribuição e circulação dessas variantes", aponta o virologista. Além da UFRJ, a pesquisa também conta com a parceria

do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), do Laboratório Central Noel Nutels (Lacen-RJ) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), e é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

"O objetivo é a gente sequenciar o maior número possível de genomas encontrados por pelo menos seis meses, e acompanhar essa evolução do vírus no Rio", descreve Ana Tereza Vasconcelos, pesquisadora do LNCC. Ela coordena a Rede Corona-ômica RJ, que reúne 36 pessoas de diferentes instituições e busca entender, por meio da genética, como o novo coronavírus se comporta e afeta a população fluminense. "Essa rede, que começou no ano passado, já sequenciou mais de 500 genomas no estado. Mas agora vai ser um trabalho mais abrangente, porque vamos ter acesso a amostras de toda a região", comenta. Segundo ela, para cada coleta quinzenal serão sequenciados 484 genomas. A rodagem dos primeiros genomas deve ocorrer já na segunda quinzena de abril.

O processo se inicia com o Lacen-RJ, que seleciona amostras de testes RT-PCR positivos, proporcionais à quantidade de habitantes de cada uma das cidades do estado. Essas amostras são enviadas para o Laboratório de Virologia Molecular da UFRJ, onde o RNA delas é extraído.



A gente quer saber não só a circulação dessas variantes, mas também se as pessoas vacinadas podem ser infectadas ao entrar em contato com essas mutações do vírus"

PROFESSOR AMILCAR TANURI
Chefe do Laboratório de Virologia Molecular da UFRJ

Em seguida, esse RNA é enviado para o LNCC, que faz o sequenciamento do vírus. "Esse é um processo em que a gente faz a identificação das mutações e a caracterização das linhagens, junto com os dados epidemiológicos dos pacientes de quem foram extraídas as amostras", descreve Ana Tereza. O resultado dessas análises é informado para as secretarias de Saúde do estado e do município, mas também é liberado em bases de dados públicas para uso da comunidade científica internacional.

"O mais interessante é a gente identificar aquelas variantes de preocupação, que têm apresentado maiores taxas de transmissibilidade, como a P1, de Manaus, e a B.1.1.7, da Inglaterra", diz a pesquisadora. Ana

DADOS / FIOCRUZ

• Não se sabe ao certo quantas variantes circulam no mundo. Pelo menos 92 cepas já foram encontradas no Brasil.

• As variantes que mais preocupam especialistas, pela maior taxa de transmissibilidade, são:

• **P1 (variante amazônica)**, já encontrada em 21 dos 27 estados do país;

• **B.1.1.7 (variante britânica)**, já encontrada em 13 dos 27 estados do país;

• **B.1.351 (variante sul-africana)**, primeiro caso no Brasil foi confirmado pela USP em Sorocaba (SP) em 4/4/21.

DADOS / BUTANTAN

• Confirmada eficácia de 50% da vacina CoronaVac em casos da variante amazônica, após aplicação da primeira dose.

• Após a verificação de eficácia da 2ª dose, espera-se que esse percentual suba ainda mais.

MUSEU NACIONAL LANÇA LIVRO SOBRE 500 DIAS DE RESGATE

Um evento virtual no dia 6 de abril marcou o lançamento do livro "500 dias de Resgate: Memória, Coragem e Imagem". A obra apresenta parte do trabalho de recuperação dos acervos do Museu Nacional nos escombros do prédio, que sofreu um incêndio em setembro de 2018.

"É uma maneira de dar uma satisfação à sociedade que vem acompanhando todo o desenrolar dos fatos e deixar registrado, na forma de um livro, um pouco dessa história", destacou Luciana Carvalho, vice-coordenadora do Resgate de Acervos do Museu Nacional. A paleontóloga informou que a tarefa não acabou. "Ainda precisamos terminar três salas dentro do palácio e proceder ao inventário das peças resgatadas".

Por enquanto, é possível dizer que cerca de cinco mil lotes, reunindo objetos de grande im-

portância de 14 das 25 coleções do palácio, foram encontrados. Dentre as peças, destaque para o crânio de Luzia, esqueleto mais antigo descoberto no Brasil; o escaravelho coração e outros oito amuletos que estavam no interior do sarcófago da múmia Sha-Amun-em-Su; os afrescos de Pompeia, que já haviam sobrevivido à erupção do vulcão Vesúvio, na Itália; parte da Coleção Werner, a mais antiga do Museu Nacional; o *Psaronius brasiliensis*, primeiro fóssil de vegetal registrado para o Brasil; além de pterossauros da Coleção de Paleovertebrados, e meteoritos como o Bendegó e o Santa Luzia.

Um dos lotes contém o esqueleto parcial do Dinossauro do Mato Grosso, um fóssil com aproximadamente 80 milhões de anos, pertencente ao período Cretáceo, resgatado das ruínas neste ano. Os dois blocos com

vértebras articuladas e outros ossos associados foram encontrados praticamente intactos. Aparentemente, segundo os pesquisadores, o soterramento protegeu os ossos do contato direto com o fogo. Além disso, eles chegaram à conclusão que a substituição mineral, pela qual os ossos passaram durante o processo de fossilização, possa ter sido um fator importante para a resistência ao soterramento.

Durante o lançamento do livro, o vice-reitor da UFRJ, Carlos Frederico Rocha, agradeceu à comunidade acadêmica do Museu Nacional pelo incansável trabalho de resgate nos escombros pós-incêndio e ao governo alemão. "que tem nos ajudado muito, não apenas sob o ponto de vista financeiro, de apoio, mas também com a possibilidade de recomposição do nosso acervo".

O diretor do museu, professor

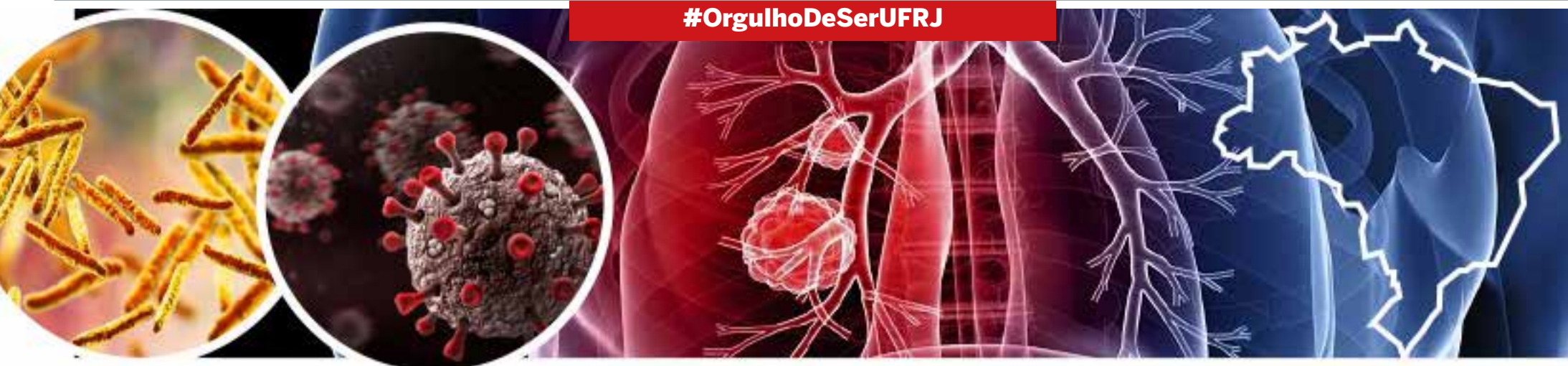


LOTE RESGATADO: Esqueleto parcial do Dinossauro do Mato Grosso

Alexander Kellner, enalteceu o trabalho de equipe realizado por toda instituição em momentos muito difíceis. "Com a ajuda de diversos parceiros, como a Unesco e o governo da Alemanha, foram criadas as condições para que a equipe do

afirma que a rede de pesquisa já identificou também outras variantes, como a P2, que tem uma mutação capaz de levar ao escape do sistema imunológico. "A gente pega aleatoriamente o genoma e tenta identificar as mutações que estão surgindo, ou quais linhagens estão ficando mais predominantes. Já as secretarias de Saúde do município e do estado vão poder fazer políticas públicas a partir dessas informações", ressalta. Com os recursos adicionais fornecidos pela Faperj, o estudo desenvolvido pela Rede Corona-ômica RJ poderá sequenciar uma quantidade muito maior de genomas em um curto espaço de tempo.

"A Faperj lançou cinco editais na área de covid-19 no passado, totalizando R\$ 75 milhões de investimento", lembra Jerson Lima, presidente da fundação. Professor e pesquisador no Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ, Jerson destaca que a Rede já vem sendo financiada desde então, mas que as mutações da doença implicaram na necessidade de se impulsionar esse acompanhamento. "Inflivelmente, com a alta taxa de infecção do vírus, a tendência é continuarmos a ter mais variantes. A única maneira de se haver controle sobre isso é realizar o sequenciamento. Para fazer essa vigilância genômica, a gente precisou incluir um recurso adicional, de R\$ 825 mil, nesse projeto", completa.



Estudo analisa elos entre a tuberculose e a covid-19

> Pesquisa reúne cientistas dos cinco países que compõem o Brics e busca conexões entre as duas doenças. Objetivo é gerar propostas de combate a pandemias como a do coronavírus

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufrj.org.br

Antes da covid-19, a tuberculose era a doença infecciosa que mais matava no mundo, ceifando a vida de 1,5 milhão de pessoas por ano. “Agora, a covid-19 ocupa esse lugar, mas a tuberculose ainda mata muita gente, e o Brasil está entre os 30 países que detêm 90% do vírus mundial”, explica José Manoel Seixas, pesquisador da Coppe/UFRJ e colaborador de um projeto internacional que estuda as relações entre as duas doenças. A pesquisa é realizada no contexto de incidência da tuberculose nos países que compõem o Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). No Brasil, o projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e tem como objetivo final analisar as possíveis interações entre a tuberculose e a covid-19.

A principal forma de manifestação da tuberculose é a pulmonar, assim como a covid-19, que costuma atacar mais ferozmente o pulmão, objeto de estudos do grupo formado por pesquisadores dos cinco países do Brics. “Uma questão é a propensão à combinação das doenças. Um portador da tuberculose latente, que está infectado mas não desenvolve a doença, pode desenvolver a covid-19. Ou quem teve covid-19, pode pegar mais fácil a tuberculose”, afirma o pesquisador.

Seixas atua há 20 anos no Centro de Pesquisa em Tuberculose, ligado ao Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, e nesse projeto desenvolveu modelos de inteligência artificial para facilitar o diagnóstico das doenças. “A inteligência artificial permite fazer um mapeamento entre as áreas, é um conhecimento que pode interagir com a área de saúde, que é prioritária no mundo”, reconhece o professor. “Nós temos uma oportunidade ímpar de agir coletivamente.

“Um portador da tuberculose latente, que está infectado mas não desenvolve a doença, pode desenvolvê-la com a covid-19”

JOSÉ MANOEL SEIXAS
Pesquisador da Coppe/UFRJ

Então as ações que a Coppe desenvolveu para atacar e dar ferretas contra a covid-19 são uma oportunidade de fortalecer a ação multidisciplinar. É muito interessante”, completa.

Para Seixas, a aproximação dos países do Brics nesse tipo de estudo é promissora. “É uma vocação que a gente vinha triando e é muito importante pela similaridade dos países. O projeto traz fortes componentes dessa similaridade, pois Rússia, Índia e África do Sul são países em que a tuberculose possui

incidência muito alta”, explica o professor.

No Brasil, Rio de Janeiro e Manaus são as capitais de maior incidência da tuberculose. Anete Trajman, pesquisadora visitante do Instituto de Medicina Social da Uerj e recém-aprovada como professora titular de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFRJ, explica porque a tuberculose é comum no bloco Brics. “São países que têm condições políticas e econômicas semelhantes, em desenvolvimento. Possuem a carga de tuberculose enorme, pois há muita pobreza e umidade, e ela acomete principalmente as pessoas pobres que vivem em condições de desnutrição, de pouca ventilação, de aglomeração”, diz a pesquisadora.

Um banco de dados de pacientes que tiveram covid-19 e tuberculose nesse período de pandemia será utilizado pelos pesquisadores. “Vamos olhar os indicadores da tuberculose, ver o impacto do isolamento social para essas pessoas. Descobrir,

por exemplo, quantas pessoas que tinham tuberculose foram testadas para a doença, olhar isso em diferentes momentos, e relacionar com as medidas de distanciamento social”, explica Anete.

Outro objetivo da pesquisa é avaliar a percepção da população sobre as medidas de distanciamento social. “Queremos descobrir o que as pessoas pensam sobre a melhor forma de lidar com a pandemia. Vamos usar essas respostas e os indicadores para fazer um exercício de modelagem e projetar o que pode acontecer em diferentes cenários”, afirma a médica. Ela acredita que o principal foco do projeto é elaborar uma proposta concreta sobre como lidar com uma pandemia como a da covid-19. “Essa pandemia estava sendo esperada pela cientistas há muito tempo, só não sabíamos que seria de coronavírus. É inacreditável como o mundo estava despreparado para uma coisa que todos nós alertamos que viria”, reflete Anete.

SUPERÁVIT DO ANO PASSADO IMPEDIU UFRJ DE FECHAR AS PORTAS

O pró-reitor de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças, professor Eduardo Raupp, informou ao Conselho Universitário, no dia 8, que a situação da universidade é cada vez mais delicada do ponto de vista orçamentário. “Aquele nosso orçamento que foi de R\$ 370 milhões no ano passado, agora baixou para R\$ 303 milhões, o que nos coloca numa situação dramática de funcionamento”, afirmou. “Felizmente, no final do ano passado, nós conseguimos um pequeno superávit que nos permitiu empregar dívidas em restos a pagar e assim não paralisar o funcionamento”, revelou.

A universidade tem recebido, desde janeiro, o equivalente a 1/18 de seu orçamento já rebaixado. “Não temos uma previsão de fluxo financeiro daqui para frente. Dependemos da aprovação da Lei Orçamentária Anual”, comentou o dirigente.



CCS TERÁ NOVO NÚCLEO DE ESTUDOS DE DOENÇAS INFECCIOSAS

O Conselho do Centro de Ciências da Saúde aprovou a criação do Núcleo de Enfrentamento e Estudos de Doenças Infecciosas Emergentes e Reemergentes Carlos Chagas. O informe foi dado pelo decano do CCS, professor Luiz Eurico Nasciutti, na reunião do Consuni do dia 8. A criação do núcleo é coordenada pelos professores Amílcar Tanuri, do Instituto de Biologia, e Terezinha Castiñeras, da Faculdade de Medicina. “A criação desse núcleo é um desdobramento do que está acontecendo no Centro de Triagem e Diagnóstico que existe no Bloco N do CCS”, disse Nasciutti.

O núcleo será implantado no Polo Biotecnológico, situado no Parque Tecnológico. Ele pediu apoio da reitoria para constituição de uma comissão de implantação do novo núcleo. A reitora Denise Pires de Carvalho parabenizou o CCS e disse que aguarda o processo chegar para análise do Conselho Universitário. “Espero a sua aprovação o mais breve possível”.

MORRE ALFREDO BOSI, UM DOS MAIS NOTÁVEIS CRÍTICOS LITERÁRIOS DO PAÍS



Decana do Centro de Letras e Artes, a professora Cristina Tranjan leu nota de pesar pelo falecimento do professor emérito da USP, Alfredo Bosi. Ele não resistiu a complicações da covid-19 e morreu no dia 7, aos 84 anos. Bosi era o sétimo titular da cadeira 12 da Academia Brasileira de Letras. Importante crítico literário brasileiro, Bosi publicou importantes livros. Dentre suas principais obras, destacam-se “História concisa da literatura brasileira”, “Dialética da colonização”, “Machado de Assis: o enigma do olhar”, “Brás Cubas em três dimensões” e “Arte e Conhecimento de Leonardo da Vinci”, seu último livro, de 2017.

“A morte de Bosi deixa mais pobre a comunidade acadêmica na área das Letras e da cultura em geral”, disse a professora Cristina. O texto não foi votado como moção de pesar pelo encerramento precoce da reunião do Conselho Universitário. A reitoria suspendeu a sessão com a notícia do falecimento da servidora Juliana Lopes (leia mais na página 2).

Mais amor e valor à Ciência, por favor

> Encontro virtual de vencedores do Prêmio Nobel discute descrédito científico, negacionismo e alternativas para a sobrevivência do planeta

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrj.org.br

Esgotamento energético, mudanças climáticas, fome. Nunca a Ciência foi tão necessária para garantir a sobrevivência humana no planeta. Paradoxalmente, talvez ela nunca tenha sido tão desprestigiada. “Os próximos trinta anos não serão possíveis se não avançarmos em energia limpa”, alerta Serge Haroche, Nobel de Física em 2012. “Mas muitas pessoas não aceitam a realidade, são incapazes de respostas racionais”. A convite da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e da *Nobel Prize Outreach* (braço de comunicação da Fundação Nobel), Haroche discutiu o valor da Ciência com outros nomes de peso da comunidade científica internacional, na quinta-feira (8), no debate “O Valor da Ciência”. O evento é prévio do Diálogo Nobel Brasil 2022, que reunirá vencedores do Prêmio Nobel e outras lideran-



“SERGE HAROCHÉ

Quando uma opinião recebe o mesmo valor que uma teoria científica nós perdemos muito, porque a Ciência tem a obrigação de se justificar por meio de informações objetivas”

ças intelectuais para discutir ‘O Futuro Que Queremos’. O conteúdo integral pode ser acessado pelo Youtube.

Na visão de Haroche, a Ciência tem sido muito atacada por teorias conspiratórias, mas “o



“MAY-BRITT MOSER

Nós, cientistas, procuramos ignorar a política, porque estamos focados em dar respostas às questões que buscamos compreender mais profundamente. Mas se você pode apoiar políticos que valorizam a Ciência é importante”.

negacionismo vai além da Ciência”. “Muitos consideram que a globalização fez com que parte da população se sinta disfuncional no sistema, se fechando em comunidades, compartilhando crenças que as mantêm juntas.

MULHERES E MÃES CIENTISTAS



Dois anos e meio esperando por esta notícia! Mas conseguimos!!!!

Prezado(a),

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) realizou recente evolução no Currículo Lattes com o objetivo de atender a demandas de representantes da comunidade científica e de instituições parceiras deste Conselho a fim de permitir o registro dos períodos de licença maternidade.

“Participamos de um movimento chamado Parent in Science e do primeiro Simpósio de Maternidade e Ciência, com uma palestra sobre estereótipos de gênero”, conta Letícia, que foi convidada pela UFF a compor um GT sobre o tema, vinculado à pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. “Nosso GT é composto majoritariamente de docentes, além de duas estudantes e uma técnica”, completa. O GT da UFF conseguiu implementar

ações pioneiras, como no edital PIBIC 2019, o primeiro a incluir políticas de parentalidade. Nessa ocasião, foi dada uma pontuação diferenciada para mães cientistas que pediram as bolsas. Na UFRJ, a institucionalização do GT ainda não significou conquistas. “A UFRJ, nesse sentido, é muito conservadora, e está demorando a caminhar”, alega Gizele Martins, que assume a coordenação do GT Parentalidade e Equidade de Gênero da

universidade. No final de janeiro, o grupo levou ao Conselho de Ensino de Graduação (CEG) um texto com as principais propostas assinado por mais de 120 docentes. “Teve bastante resistência, tanto quanto à forma de escrita quanto a algumas proposições”, relembra Gizele.

Os conselheiros do CEG encaminharam a votação para o Conselho Universitário, sob a alegação de que não seria a instância adequada para apreciar o tema. “Tudo o que propomos tem a ver com o ensino de graduação, e a negativa atrasou muito o processo. Isso foi em 27 de janeiro, e sabemos que o Consuni tem bastante demanda reprimida”, afirma Gizele. O texto será reapresentado no Consuni, ainda sem data definida.

Gizele fez uma proposta a três parceiras, Letícia de Oliveira, Waleska Aureliano e Rubia Wegner, para uma união entre os GTs fluminenses. “Eu propus nessa reunião um Fórum Estadual, em que chamássemos grupos de outras universidades para debater essa pauta de equidade de gênero e parentalidade. Isso está muito em alta, a pandemia revelou isso de maneira muito cruel”, explica. O fórum pretende realizar reuniões mensais, sempre com o intuito de integrar as instituições, e aprender umas com as outras.

“Trazer conquistas efetivas, produtos que sejam usufruídos pelo corpo social da universidade”, diz a docente.

dades. Eles deveriam estar em uma posição melhor”, critica Haroche.

Moser acrescenta à fórmula “antinegacionista” o componente “diversidade”, exemplificando com o caso do próprio laboratório de pesquisa: “A neurociência requer muito conhecimento específico, mas também muito conhecimento sobre cultura. Trabalhamos arduamente para termos pessoas com diferentes visões e ideias, porque assim podemos ter diferentes energias”.

“E o que acontece com o Brasil hoje?”, questiona o mediador do debate, Adam Smith, diretor científico da *Nobel Prize Outreach*. A situação do país frente à pandemia finaliza o bloco de reflexões. “A situação no Brasil é terrível. Temos quatro mil mortes em 24 horas. Há um grande esforço para se obter uma vacina segura ao mesmo tempo em que vemos o patrocínio de drogas falsas e ineficientes”, resume o presidente da Academia Brasileira de Ciências, Luiz Davidovich, professor do Instituto de Física da UFRJ. O presidente da ABC destaca ainda a “recente e acelerada” desidratação financeira das universidades e das agências de financiamento à pesquisa. E arremata: “O negacionismo mata”.

Já a ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Helena Nader, frisa que formadores de opinião negacionista, no Brasil, “estão muito envolvidos com a política”. “De fato, o único caminho para mudar todo esse cenário é por meio da Educação e da Ciência”, conclui.

“O papel do professor é central na visão de ambos os cientistas. “Os professores são muito importantes e não são reconhecidos. Muitas vezes realizam seu trabalho sob muitas adversi-

MATERNIDADE NO LATTES

A partir do dia 15 de abril, o Currículo Lattes terá um campo específico para indicar a data de nascimento e de adoção de filhos, conforme divulgação do CNPq nesta semana. A informação será facultativa e sigilosa, e estará disponível apenas para os avaliadores internos do CNPq. A conquista é fruto da campanha do *Parent in Science*, que desde 2018 pauta o tema “Maternidade no Lattes”. “O *Parent in Science* mostrou que há uma queda na produtividade científica depois que você tem filho, o que é esperado até pela licença-maternidade” explica Letícia de Oliveira, do núcleo central do movimento, formado por ela e outras sete mulheres. “A gente quer incluir a maternidade na Ciência. Entendemos que a maternidade não é um problema. É uma função social prevista na Constituição. O problema é a falta de apoio”, alega a docente.

A professora Christine Ruta, diretora da AdUFRJ, espera que o pequeno espaço cedido pelo CNPq seja um grande passo para a inclusão de mais meninas e mulheres na Ciência. “Até hoje, no Brasil e no mundo, centenas de mulheres desistiram de suas carreiras científicas devido à dificuldade em manterem seus currículos produtivos durante os períodos de maternidade”, reflete Christine.

(Liz Mota Almeida)

DARWIN Y 2021 BRASIL

ÀS VEZES, NÃO PARECE. MAS A EVOLUÇÃO EXISTE E RESISTE

KIM QUEIROZ
comunica@adufrj.org.br

5 de abril de 1832. O navio britânico Beagle atraca no porto do Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, e traz a bordo o cientista inglês Charles Darwin. Ele está na América do Sul para estudar terras e águas da região.

Já passou pela Ilha de Fernando de Noronha e pela cidade de Salvador, onde ficou horrorizado com os desmandos escravagistas da elite local. Passados 189 anos do desembarque do pai do evolucionismo, pesquisadores da UFRJ realizaram o *Darwin Day*, no último dia 5.

Totalmente on line, o evento celebrou a importância da pesquisa científica e recuperou a histórica viagem de Darwin – só no Rio ele ficou quatro meses e realizou estudos fundamentais para as teorias que iria desenvolver anos depois. Organizado pela PR-5 e com a participação de pesquisadores das mais diversas áreas, o *Darwin Day* abordou assuntos como evolução, saúde pública, negacionismo e darwinismo social.

“A passagem do Darwin pelo Brasil foi muito importante para a construção posterior da Teoria da Evolução pela seleção natural”, destacou Ildeu Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Professor da UFRJ, ele está finalizando um livro sobre a viagem de Darwin, com todos os textos escritos pelo cientista referentes ao percurso no Brasil. “A viagem trouxe para ele uma questão central, que era explicar a imensa diversidade de espécies de animais e plantas que viu no Brasil desde os

Pesquisadores da UFRJ participaram de evento que rememorou os 189 anos da visita de Charles Darwin ao Rio de Janeiro e celebrou importância da Ciência em tempos de negacionismo

primeiros dias aqui”.

No debate “Negacionismo, Criacionismo e Darwinismo”, Ildeu, Pablo Gonçalves (NUPEM/UFRJ) e Maria Isabel Landim (Museu Zoologia/USP) ressaltaram algumas das dificuldades que o britânico enfrentou ao apresentar a sua mais famosa teoria. “No século 19, defender as ideias do Darwin tinha o peso moral de confessar um assassinato. Ele sofreu muito, e teve muitas crises de ansiedade por isso”, contou a professora Maria Isabel.

Darwin tinha apenas 23 anos de idade quando veio ao Brasil – ao todo a viagem durou cinco anos e percorreu vários

MEMES DARWINISTAS

• **A inventividade do jovem Darwin influencia até mesmo aspectos culturais da juventude atual. Essa é a aposta de pesquisadores da Escola de Comunicação da UFRJ.**

“Darwin é o inspirador de uma nova teoria no campo da comunicação: a memética, decisiva para entender o mundo e as mídias pós-cultura digital”, ressaltou Ivana Bentes, professora da ECO e pró-reitora de Extensão, que debateu o tema na segunda mesa do evento “Darwin e a cultura dos memes: Memética e Neodarwinismo” com o professor Viktor Chagas (UFF) e Gabi Juns, coordenadora do Instituto Update.

• **Além das lives, a programação do Darwin Day contou também com diversas atividades gravadas.**

• Professores e alunos da UFRJ produziram vídeos para discutir, a partir da figura de Charles Darwin, seus mais variados objetos de pesquisa.

países. Cada um contribuiu para a formação da teoria de Darwin. Em terras brasileiras, ele fez o primeiro contato com a floresta tropical, anotou tudo, coletou materiais, que depois enviou para a Inglaterra. O mentor de Darwin, que o indicou para a viagem, o professor e botânico John Henslow, era quem recebia as amostras e as entregava para análise de especialistas. Devido à qualidade do material enviado, Darwin já era um famoso cientista quando voltou para a Inglaterra em 1836.

Essa nova forma de enxergar a vida motivou, posteriormente, outras pessoas a desenvolverem teorias como o “Darwinismo Social”, debatido na terceira mesa do *Darwin Day*. “O que nós chamamos de forma ampla de ‘Darwinismo Social’ é uma perspectiva que tenta aplicar esses princípios gerais apresentados por Darwin nas sociedades humanas, para além do contexto biológico”, comentou Claudia Carvalho, professora do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da UFRJ. “É uma visão em que as leis da natureza seriam análogas às leis da sociedade”.

O *Darwin Day* também foi provocado pelo aumento da onda negacionista no mundo, e particularmente no Brasil, onde autoridades tentam deslegitimar os esforços da ciência no enfrentamento da pandemia. “Variantes da covid-19 e Evolução” foi o tema do debate de encerramento do *Darwin Day*, que contou com a participação do virologista Amilcar Tanuri (UFRJ), do infectologista Roberto Medronho (UFRJ) e da biomédica Jaqueline Goes (USP), que apresentaram suas pesquisas relacionadas ao assunto. Denise Pires de Carvalho, reitora da UFRJ, também esteve presente, e ressaltou as ações da Universidade durante a pandemia. “Com certeza Darwin estaria muito orgulhoso do que a nossa instituição tem feito pela ciência e pelo avanço do conhecimento no país e no mundo”, finalizou Denise.

